


**UMA INTELLECTUAL NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: UMA
CARTOGRAFIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**AN INTELLECTUAL ON THE PERIPHERY OF CAPITALISM: A
CARTOGRAPHY BY CAROLINA MARIA DE JESUS**

**UN INTELLECTUAL EN LA PERIFERIA DEL CAPITALISMO: UNA
CARTOGRAFÍA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-036>

Data de submissão: 05/07/2025

Data de publicação: 05/08/2025

Valério Hillesheim

Pós-doutorado em Ética no Pensamento Tardio de Wittgenstein

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: vhillesheim@uneb.br

Conceição Costa Hillesheim

Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: concesc@hotmail.com

Thaís Cristine dos Santos Cerqueira

Bacharel em Direito

Instituição: Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU)

E-mail: Luizguilherme.lima@outlook.com.br

Luiz Guilherme de Carvalho Lima

Bacharel em Filosofia

Instituição: Universidade Católica do Salvador (UCSAL)

E-mail: Thaicrisfff@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma análise de fragmentos das obras “Quarto de Despejo” e “Diário de Bitita” de Carolina Maria de Jesus, como uma cartografia da experiência negra e periférica no Brasil, articulando-a com a crítica cultural. A partir da noção de “escrevivência”, cunhada por Conceição Evaristo, o texto explora como Carolina Maria de Jesus constrói uma narrativa que desvela as contradições do capitalismo periférico e a violência estrutural do imperialismo, tal como Stuart Hall discute em “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”. O artigo argumenta que a escrita de Carolina, revela tanto os documentos de cultura quanto os de barbárie, desafiando a perspectiva hegemônica dos vencedores.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Escrevivência. Crítica Cultural. Periferia do Capitalismo. Stuart Hall.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the work of Carolina Maria de Jesus as a cartography of the Black and peripheral experience in Brazil, linking it to cultural criticism. Drawing on the concept of

escrivência, coined by Conceição Evaristo, the text explores how Carolina Maria de Jesus constructs a narrative that exposes the contradictions of peripheral capitalism and the structural violence of imperialism, as discussed by Stuart Hall in *Cultural Identity and Diaspora*. The article argues that Carolina's writing reveals both the documents of culture and those of barbarism, challenging the hegemonic perspective of the victors.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Escrivência. Cultural Criticism. Periphery of Capitalism. Stuart Hall.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis de fragmentos de las obras "Quarto de Despejo" y "Diário de Bitita" de Carolina Maria de Jesus como una cartografía de la experiencia negra y periférica en Brasil, articulándola con la crítica cultural. A partir del concepto de "escrivência", acuñado por Conceição Evaristo, el texto explora cómo Carolina Maria de Jesus construye una narrativa que revela las contradicciones del capitalismo periférico y la violencia estructural del imperialismo, como lo plantea Stuart Hall en "Identidad cultural en la posmodernidad". El artículo argumenta que la escritura de Carolina revela tanto documentos de la cultura como de la barbarie, cuestionando la perspectiva hegemónica de los vencedores.

Palabras clave: Carolina Maria de Jesus. Escrivência. Crítica Cultural. Periferia del Capitalismo. Stuart Hall.

1 INTRODUÇÃO

A emergência intelectual de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), como voz insurgente na periferia do capitalismo globalizado, configura um fenômeno epistemológico radical. Sua obra, gestada nas fissuras do sistema-mundo moderno-colonial, desvela a violência estrutural que articula raça, classe e gênero na experiência negra e favelada do Brasil pós-colonial. Este estudo motiva-se pela urgência em decifrar a gênese de seu pensamento crítico, que transforma a marginalidade em *locus* privilegiado de enunciação, desafiando as hierarquias do saber hegemônico. A relevância desta investigação reside na capacidade de sua narrativa articular testemunho íntimo e denúncia sistêmica, expondo as contradições entre o projeto modernizador brasileiro e a permanência de estruturas arcaicas de exclusão, onde a fome e a exploração operam como tecnologias de dominação.

O problema central que mobiliza esta pesquisa interroga: como a *escrevivência* de Carolina Maria de Jesus, enquanto prática literária e política, desmonta narrativas imperialistas do capitalismo periférico e reconstrói identidades subalternas através de uma cartografia decolonial? Objetiva-se demonstrar que sua obra encarna um ato de desobediência epistêmica, transgredindo cânones literários para forjar linguagens capazes de capturar a complexidade interseccional da vida na margem. A justificativa assenta-se no reconhecimento das epistemologias negras e periféricas como centrais na crítica ao capitalismo global, na atualidade de sua denúncia ante o aprofundamento das desigualdades no século XXI – onde favelas permanecem "quartos de despejo" da acumulação predatória – e no potencial hermenêutico da cartografia como método crítico para traduzir experiências concretas em ferramentas de descolonização teórica.

Metodologicamente, adota-se a cartografia crítica como operador analítico, transcendendo sua dimensão geográfica para assumir contornos filosófico-literários. Inspirada na *escrevivência* cunhada por Conceição Evaristo – escrita nascida das vivências corporeificadas de mulheres negras –, esta abordagem mapeia os rastros de resistência nos diários de Carolina, capturando a movência dialética entre registro autobiográfico e análise estrutural. A cartografia revela-se método essencial por desvelar camadas de opressão sem hierarquizá-las, mapear rotas de fuga nas brechas do sistema e articular micro e macro-escalas da experiência periférica.

Neste percurso, examinar-se-á inicialmente o conceito de *escrevivência* em Conceição Evaristo como matriz teórica para decifrar a fusão entre vivência e escrita em Carolina. Em diálogo crítico, explorar-se-ão as contribuições de Stuart Hall sobre identidades pós-modernas para analisar a reconstrução identitária contra narrativas fixas, investigando-se como a *escrevivência* opera como fluxo poético da identidade em ruptura. A análise do *Diário de Bitita* funcionará como cartografia da infância negra sob o patriarcado escravocrata, mapeando geografias da exclusão em São Paulo através

das lentes interseccionais que desvendam o entrelaçamento raça-classe-gênero. Demonstra-se como a resistência emerge como eixo central na educação e autonomia feminina, articulando a interseccionalidade na *escrevivência* como tecnologia de desocultação. Sob a ótica halliana, desconstroem-se narrativas imperialistas, situando a *escrevivência* em *Diário de Bitita* como contra-arquivo da memória e instrumento de reescrita da história operária. Conclui-se reafirmando a atualidade de Carolina como intelectual da descolonização, cuja obra transforma o diário íntimo em trincheira epistêmica, desafiando a noção mesma de "periferia" ao situá-la como centro gerador de conhecimento crítico sobre as entranhas do capitalismo racial.

Nascida em Sacramento, município de Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus foi uma escritora, poetisa e compositora brasileira, conhecida como uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil. Em uma família humilde, Carolina teve uma infância sofrida, estudando apenas até o segundo ano do Ensino Fundamental e, mesmo assim, desenvolveu um grande amor pela leitura. Se mudou para São Paulo em 1937, onde construiu sua própria casa na favela do Canindé sustentando a si e seus três filhos como catadora de papéis.¹ Sua obra mais famosa, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*², publicado em 1960, com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, tornou-se um sucesso imediato, vendendo milhares de cópias e sendo traduzido para mais de 13 idiomas. O livro, que retrata o cotidiano da vida na favela, trouxe fama internacional a Carolina, mas também gerou problemas com seus vizinhos, que se sentiram expostos em sua narrativa.³ O livro expressa de forma crua e realista a dura realidade da vida nas favelas, abordando questões de pobreza extrema, desigualdade social, racismo e as dificuldades enfrentadas por uma mãe em um contexto de marginalização. Carolina descreve suas vivências cotidianas, seus sonhos, suas angústias e sua luta pela sobrevivência, oferecendo um testemunho poderoso sobre a vida na periferia urbana e as tensões sociais da época. A obra se tornou um marco na literatura brasileira ao dar voz a uma mulher que, até então, era invisível nas representações literárias tradicionais. Após o sucesso de *Quarto de Despejo*, Carolina mudou-se para bairros de classe média em São Paulo, mas continuou passando por

¹ FARIAS, Tom. Carolina: uma biografia. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2019. 402 p.

² JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: José Olympio, 1960.

³ CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. Muito bem, Carolina! - Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.

dificuldades financeiras. Publicou outros livros, como *Pedaços de Fome*⁴ e *Provérbios*⁵, mas nunca alcançou o mesmo sucesso comercial. Carolina também gravou um álbum musical em 1961, intitulado *Quarto de Despejo*⁶: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições. Carolina nunca se casou, mantendo relacionamentos independentes e criando seus três filhos sozinha. Ela faleceu em 1977, aos 62 anos, devido a complicações de asma. Sua obra e vida continuam e continuarão sendo estudadas e celebradas no Brasil e no exterior, com homenagens póstumas, como o título de *Doutora Honoris Causa* concedido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2021.⁷ Carolina Maria de Jesus é hoje reconhecida como uma voz fundamental na literatura brasileira, destacando-se por sua narrativa crua e autêntica sobre a vida nas favelas e a luta pela sobrevivência.⁸

O tema central do texto é a escrita de Carolina Maria de Jesus como uma forma de mapeamento das experiências negras e periféricas no contexto do capitalismo periférico do Brasil. A obra de Carolina, especialmente seu livro *Quarto de Despejo*, transcende a literatura ao documentar, de maneira crua e autêntica, as vivências de uma mulher negra, favelada e mãe solo em um país marcado por desigualdades sociais e raciais. Sua escrita funciona como um registro histórico e político das condições de vida nas periferias brasileiras⁹, expondo as contradições de um Brasil que se

⁴ Publicado em 1963, o livro *Pedaços de fome* de Carolina Maria de Jesus é uma obra de caráter autobiográfico, escrita a partir de suas anotações diárias em cadernos durante um período de extrema pobreza em que viveu, nas periferias de São Paulo. A autora, uma mulher negra e favelada, relata suas experiências de vida com uma escrita crua e sincera, abordando temas como a luta pela sobrevivência, a desigualdade social, o racismo e a exclusão. A obra é um testemunho poderoso da realidade das classes marginalizadas e revela a força de Carolina na busca por dignidade e justiça social. Com uma prosa direta e cheia de angústia, *Pedaços de fome* se insere no contexto da literatura brasileira de denúncia social, especialmente no que diz respeito à condição das mulheres negras e pobres no Brasil.

⁵ *Provérbios* (1966) é uma obra póstuma de Carolina Maria de Jesus, que reúne pensamentos e reflexões da autora sobre diversos aspectos da vida, incluindo questões sociais, raciais, de gênero e suas experiências de mulher negra e periférica no Brasil. O livro, escrito de forma direta e sem adornos, apresenta uma crítica aguda à desigualdade social e à exclusão das classes mais desfavorecidas, além de destacar a força e a resistência das mulheres. A obra complementa o trabalho de Carolina, oferecendo um olhar intimista e filosófico sobre sua visão de mundo, marcado por sua vivência na favela do Canindé, em São Paulo.

⁶ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. Álbum musical, 1961. O álbum *Quarto de Despejo* é uma adaptação sonora da obra homônima de Carolina Maria de Jesus, onde a autora narra suas vivências e dificuldades cotidianas enquanto moradora da favela do Canindé, em São Paulo. Lançado em 1961, o disco traz um registro poético e social, com músicas baseadas em seus diários, refletindo a luta e a resistência das populações marginalizadas no Brasil. A obra se torna um importante marco na cultura brasileira, abordando questões de desigualdade e a realidade das periferias urbanas.

⁷ Em 25 de fevereiro de 2021, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) concedeu, de forma unânime e por aclamação, o título de Doutora Honoris Causa à escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977). A honraria reconhece sua contribuição literária e seu impacto na luta antirracista no Brasil. Disponível em: <https://posgraduacao.ufrj.br/noticia/4255>

⁸ CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. *Muito bem, Carolina! - Biografia de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.

⁹ Vagner Santana de Melo (2019) evidencia que essa literatura funciona como registro da memória histórica e como mecanismo de resistência política, ao mesmo tempo em que reflete as condições precárias e as dinâmicas de poder nas periferias. Disponível em: <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?anobase=2019&idpessoal=55232&idpragrama=40001016009P0&idtc=150>. Acesso em: 20 fev. 2025.

modernizava economicamente¹⁰, mas mantinha estruturas sociais arcaicas e excludentes. Carolina Maria de Jesus, ao registrar em palavras a fome, a miséria, o racismo e o machismo que moldavam seu cotidiano, descortina a ilusão do "progresso" brasileiro — um avanço que sempre ergueu palácios para poucos, enquanto lançava muitos ao esquecimento. Sua literatura não apenas denuncia as engrenagens da opressão, mas também inscreve na história aqueles que, por séculos, foram silenciados. Em sua escrita, a favela se revela como o "quarto de despejo" de um sistema que, na periferia do capitalismo, transforma vidas em restos e perpetua a exclusão como se fosse destino. A escrita de Carolina Maria de Jesus transcende o relato de suas vivências; é um grito de resistência, um gesto de afirmação identitária esculpido em palavras. Em cada linha, ela desafia as amarras impostas pela norma literária e pela estrutura social que tentou silenciar vozes como a sua. Sua obra, mais que testemunho, é herança — um legado político e cultural que ecoa através do tempo, inspirando aqueles que ousam sonhar com representação e justiça. Seu texto é cartografia e revolução, desvelando as tramas da negritude e da marginalidade em um mundo marcado pela voracidade do capitalismo periférico.

2 CONCEIÇÃO EVARISTO E A "ESCREVIVÊNCIA"

Dentro dessa linha de pensamento a ser trabalhada com Carolina Maria de Jesus no presente artigo, outra intelectual a ser abordada é a Conceição Evaristo. Escritora, teórica brasileira e responsável por cunhar o termo "escrevivência" para descrever uma escrita que emerge das vivências e experiências concretas de sujeitos marginalizados, especialmente mulheres negras. O conceito de "escrevivência" refere-se a uma escrita que emerge da experiência de mulheres negras, articulando memória, oralidade e resistência. Trata-se de uma literatura marcada pela vivência e pela ancestralidade, na qual a subjetividade negra é central na construção da narrativa. O termo aparece em seu ensaio "Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita", publicado na coletânea *Escritos de mulher* (1995). Nesse contexto, Evaristo reflete sobre a influência da oralidade e da experiência coletiva na sua escrita, rompendo com cânones literários tradicionais para afirmar uma perspectiva afro-brasileira. Escrevivência, segundo Duarte e Nunes (2020, p. 20), faz referência ao "processo de assunção da escrita pelas mulheres negras, revolucionário, que as

¹⁰ Os teóricos Clóvis Moura e Jacob Gorender já investigavam a herança escravista na formação das relações de trabalho modernas, argumentando que a abolição inconclusa perpetuou formas de exploração que se manifestam na informalidade e na marginalização das periferias, o que contraria a ideia de progresso defendida por nomes como Fernando Henrique Cardoso — conforme exposto no artigo "3 vezes 22: ideias de Brasil moderno e soberano em torno de 1822, 1922 e 2022". Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.002>. Acesso em: 20 fev. 2025.

desloca do lugar de onde falavam antes, que permite colocá-las como donas da própria escrita”.¹¹ A obra de Carolina Maria de Jesus pode ser lida à luz desse conceito, pois sua escrita é profundamente enraizada em sua experiência de vida. Em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), por exemplo, Carolina narra o cotidiano de fome, violência e exclusão, mas também revela uma aguda consciência crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam essas condições. A "escrevivência" de Carolina não apenas documenta sua realidade, mas a transforma em um ato político, dando voz a quem foi historicamente silenciado.

A partir dessa perspectiva, a ação da autora é, ao mesmo tempo, um testemunho de criatividade e invenção poética, bem como uma denúncia contra as formas opressoras que ela fora submetida. O lugar da escrita é, por um lado, um lugar de escuta e, por outro lado e, ao mesmo tempo, um lugar de memória. Nesse lugar, emerge do cotidiano, a matéria-prima para a elaboração de escritas que desafiam e atacam o silenciamento histórico imposto às mulheres nessa condição de silenciamento, invisibilidade e exclusão. Destarte, muito mais do que um recurso técnico e literário, a construção de Carolina é a expressa defesa de uma epistemologia insurgente. Essa nova epistemologia emerge das margens negligenciadas pelo domínio despótico da produção do conhecimento e cria uma rica possibilidade de entrecruzamento entre autobiografia e manifesto. O que significa colocar a escrita como uma prática defensora da existência e como possibilidade de diálogo com outros autores e autoras.

3 STUART HALL E A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Dentro desse fluxo de pensamento trabalhado com Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, o pensamento de Stuart Hall também será utilizado como base para análise. Stuart Hall foi um teórico cultural jamaicano-britânico, com contribuições para a análise da obra de Carolina Maria de Jesus de forma que permite discutir as noções de identidade e representação na pós-modernidade. Hall argumenta que a identidade não é fixa, mas fluida e construída socialmente, sendo constantemente negociada através de discursos e práticas culturais¹²:

As identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade

¹¹ ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Organização: Constância Lima Duarte; Isabella Rosado Nunes; intervenção artística: Goya Lopes. Edição especial. Editora MINA Comunicação e Arte, 2020. p. 20.

¹² HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. p. 12-13, 1987.

torna-se uma “~celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 1987, p. 12-13)

A compreensão da identidade de mulher negra e favelada é fundamental para interpretar a escrita de Carolina Maria de Jesus, embora sua obra transcenda essas categorias. Em seus diários, ela constrói uma narrativa multifacetada, que oscila entre a dor e a esperança, a resistência e a crítica. Hall também enfatiza a importância da representação como um campo de luta política, o que ressoa na maneira como Carolina desafia os estereótipos sobre as favelas e seus moradores, oferecendo uma visão complexa e humanizada de sua realidade.

4 ESCRIVIVÊNCIA: O FLUXO POÉTICO DA IDENTIDADE EM RUPTURA

Entrelaçando as reflexões de Hall com a voz vibrante de Conceição Evaristo, desponta a "escrevivência" como uma escrita que brota da identidade que representa a própria essência do viver, sobretudo na experiência das mulheres negras. Essa forma de expressão resgata e renasce em cada verso as histórias que o tempo tentou silenciar, convidando o ser a se reconstituir em cada palavra. Em ressonância com o diagnóstico de Hall que pinta a identidade como um rio incessantemente em fluxo, sempre renegociado em meio às rupturas dos antigos moldes, a escrevivência dismantela os grilhões dos modelos normativos e liberta vozes marginalizadas, permitindo que se afirmem com a força de sua própria narrativa. Assim, a identidade se revela como uma dança fluida, esculpida pela memória, pelo poder e pelo constante reavivar do ser.

5 ESCRIVIVÊNCIA: A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM *DIÁRIO DE BITITA*

O Diário de Bitita, obra póstuma de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1986, é um outro texto fundamental da autora para compreender as dinâmicas da vida na periferia do capitalismo. Escrito em um estilo autobiográfico, o livro narra a infância e a juventude de Carolina, conhecida como Bitita, em Sacramento, Minas Gerais, no início do século XX. A obra não apenas retrata a pobreza e a exclusão, mas também revela as interseccionalidades entre raça, classe e gênero, que moldam a experiência de vida da autora. Quando se pensa no conceito de "escrevivência" dentro da escrita de Carolina, é possível analisar como ela transforma sua vivência em um ato político e literário, mapeando as estruturas de opressão e resistência que permeiam a vida na periferia do sistema capitalista. Conceição Evaristo, como já visto, entrelaça a “escrevivência” como um fio de palavras tecido com a vida dos que caminham à margem, sobretudo das mulheres negras. Não é apenas

memória escrita, mas um gesto insurgente, onde a dor e a opressão transformam-se em arte e denúncia.¹³ Em *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus borda sua existência em páginas que desvelam as feridas do racismo, do sexismo e da exploração, mas também revelam a luz indomável da resistência, a força que pulsa mesmo quando tudo ao redor insiste em silenciar sua voz.¹⁴ Na obra de Carolina, a "escrevivência" manifesta-se por meio de uma linguagem simultaneamente crua e lírica, que transcende a mera descrição factual para adentrar em uma dimensão reflexiva e analítica. Sua escrita desvela as camadas multifacetadas da experiência vivida, articulando não apenas os eventos concretos, mas também os processos de subjetivação e crítica que emergem na interação entre o indivíduo e as estruturas de poder opressivas. Ao expor e interrogar as condições que perpetuam a marginalização, sua narrativa permite ao leitor captar não só a trajetória singular da protagonista, mas também as complexas dinâmicas do capitalismo periférico e suas interseccionalidades, abrindo espaço para uma compreensão aprofundada das relações de raça, gênero e classe na sociedade contemporânea.

6 MAPEANDO A VIDA NA PERIFERIA DO CAPITALISMO

Diário de Bitita é um documento que mapeia a vida na periferia, revelando como as desigualdades sociais e econômicas são vividas no cotidiano. Carolina descreve a pobreza extrema:

Com as dificuldades que os pais encontravam para viver, porque a pobreza era a sua redoma funesta, alguns pais, incientes, obrigavam suas filhas a ser meretrizes., a falta de acesso à educação e à saúde, e a exploração no trabalho rural: O vovô já estava queixando-se que estava sentindo dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Manoel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam desesperados, os italianos abandonavam as fazendas. Quando eles viram os colonos brancos desinteressarem-se das labutas rudes dos campos, iam nas cidades à procura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selecionavam. Quantas promessas! Diziam aos negros: — Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mandei construir um salão de baile para vocês. Eu mando buscar o sanfoneiro Juritão Marangoni, para tocar para vocês dançarem. E, no fim do ano, eu trago o Jazz- Band Bico Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês (Jesus, 1986, p. 86-87).

Essas experiências são sintomáticas do capitalismo periférico, que marginaliza grande parte da população, especialmente negros e pobres, para sustentar a acumulação de riqueza de uma elite minoritária.

A obra de Carolina também mostra como o capitalismo se entrelaça com outras formas de opressão, como o racismo e o patriarcado. Carolina narra, por exemplo, as dificuldades enfrentadas por sua mãe, uma mulher negra e pobre, que trabalha como lavadeira para sustentar a família, na

¹³ Evaristo, Conceição. Poesia e resistência: escolhas estéticas da escritora negra brasileira. São Paulo: Editora Laha, 2004.

¹⁴ Maria de Jesus, Carolina. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1961. P. 68

página 131 em que diz “A patroa era a dona Elza. Bonitinha. Me escolheu para ser a cozinheira, e minha mãe para ser a lavadeira” (Jesus, 1989, p. 131). A exploração do trabalho doméstico, realizado majoritariamente por mulheres negras, é uma das faces mais cruéis do capitalismo brasileiro, e Carolina expõe essa realidade com clareza e sensibilidade.

7 INTERSECCIONALIDADE¹⁵: RAÇA, CLASSE E GÊNERO

A interseccionalidade é um outro conceito importante para analisar no Diário de *Bitita*. Carolina Maria de Jesus vive na intersecção de múltiplas opressões: como mulher negra e pobre, ela enfrenta discriminações que se reforçam mutuamente. A obra revela como o racismo estrutura a vida social e econômica, limitando as oportunidades de ascensão para pessoas negras. Carolina descreve, por exemplo, como sua família é tratada com desprezo pelos patrões brancos, que veem os negros como inferiores e destinados ao trabalho braçal. O gênero também é uma dimensão crucial na narrativa de Carolina. Ela narra as violências sofridas pelas mulheres de sua família, incluindo assédio sexual e a falta de autonomia sobre seus corpos e vidas. A figura de sua mãe, que trabalha incansavelmente para sustentar os filhos, é um exemplo da resistência, mas também da exploração a que estão submetidas. Carolina, por sua vez, desafia as expectativas de gênero ao buscar independência e autonomia, mesmo em um contexto de extrema adversidade. A classe social é outro eixo central na obra. Carolina descreve a pobreza como uma condição estrutural, que não resulta da falta de esforço, mas da exploração e da desigualdade. Sua família vive em condições precárias, sem acesso a direitos básicos, e é constantemente humilhada pelos patrões e pela sociedade. A luta diária por sobrevivência é um tema recorrente, que revela as contradições de um sistema que produz riqueza para alguns e miséria para muitos.

8 A RESISTÊNCIA COMO EIXO CENTRAL

Apesar das opressões, *Diário de Bitita* é, também, um relato de resistência. Carolina Maria de Jesus não se limita a narrar as violências que sofre, mas também destaca sua capacidade de enfrentá-las. A educação, por exemplo, é apresentada como uma ferramenta de libertação. Carolina valoriza o aprendizado e busca, mesmo em condições adversas, ampliar seus conhecimentos e perspectivas. Sua escrita, por sua vez, é um ato de resistência, que transforma sua experiência em um documento literário

¹⁵ A interseccionalidade refere-se à análise das múltiplas e simultâneas formas de opressão— como as relacionadas a raça, gênero, classe e outras categorias sociais—que se interconectam para moldar experiências únicas de marginalização. O conceito foi introduzido pela jurista Kimberlé Crenshaw, cuja obra seminal, publicada em 1989 na *Stanford Law Review*, fundamenta a necessidade de considerar tais interseções para compreender e combater as desigualdades sistêmicas. - Crenshaw, K. (1989). “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.” *Stanford Law Review*, 43(6), 1241–1299.

e político. E dentro desse fluxo, a escrevivência emerge como uma prática literária revolucionária, forjada na interseção das experiências diárias e das memórias coletivas de mulheres negras, que se recusam a ser silenciadas. Para Conceição Evaristo, essa escrita representa um ato de resistência intrínseco, uma recusa categoricamente articulada em se submeter aos mecanismos de desvalorização e apagamento que permeiam a sociedade dominante. Ao insistir em fazer-se ouvir, a escrevivência não só documenta a realidade brutal de opressões — sejam elas raciais, de gênero ou de classe —, mas também transforma a dor e a vulnerabilidade em um poderoso discurso de emancipação. Essa prática se caracteriza por uma ética do cuidado que reconhece e preserva a riqueza das experiências ancestrais, aliada a uma estética da sobrevivência que utiliza a linguagem como ferramenta de luta, subversão e afirmação identitária. Como a Pablo Vittar em sua parte na música *Sujeito de Sorte*, da faixa *AmarElo* (2019), versou:

Permita que eu fale. Não as minhas cicatrizes. Elas são coadjuvantes. Não, melhor, figurantes.
Que nem devia tá aqui [...]

Achar que essas mazelas me definem. É o pior dos crimes. É dar o troféu pro nosso algoz e
fazer nós sumir, aí

A escrevivência não é apenas um registro autobiográfico ou um simples ato de memória; é, acima de tudo, um instrumento crítico e disruptivo que reconfigura os contornos do poder e reivindica o direito inalienável de narrar a própria existência. Ao escrever a partir de suas vivências, mulheres negras não apenas registram suas histórias, mas também contestam as narrativas hegemônicas que as reduzem a estereótipos ou as excluem completamente. A escrevivência, é uma forma de descolonização do pensamento¹⁶, pois questiona a hierarquia de saberes que privilegia as vozes brancas, masculinas e europeias, enquanto desconsidera as epistemologias negras e periféricas.

9 A INTERSECCIONALIDADE NA ESCRIVIVÊNCIA

A escrevivência é profundamente interseccional, pois reconhece que as opressões de raça, gênero e classe estão entrelaçadas. Mulheres negras e periféricas enfrentam uma tripla marginalização: são oprimidas por serem mulheres em uma sociedade patriarcal, por serem negras em uma estrutura racista e por serem pobres em um sistema capitalista que perpetua a desigualdade social.¹⁷ A escrevivência não é apenas uma forma de expressão individual, mas também

¹⁶ MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

¹⁷ CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para discussão: mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor*. Tradução de Carla Akotirene. Salvador: Ed. do Autor, 2018.

uma ferramenta coletiva de denúncia e transformação social. Ao trazer para o centro de suas narrativas as experiências de dor, resistência, amor e solidariedade, escritoras negras desafiam a noção de que suas histórias são menos válidas ou universais. Elas mostram que suas vivências são tão complexas, ricas e humanas quanto as de qualquer outro grupo, e que merecem ser ouvidas e valorizadas. A marginalização das histórias de mulheres negras não é um fenômeno acidental, mas sim estrutural.¹⁸ O sistema literário e acadêmico, dominado por uma lógica colonial e patriarcal, frequentemente desconsidera as narrativas que emergem das periferias, especialmente quando são produzidas por mulheres negras. Essas histórias são vistas como "menos literárias" ou "menos teóricas", como se a experiência vivida não pudesse gerar conhecimento legítimo.

A escrevivência desafia essa hierarquia ao afirmar que as experiências cotidianas das mulheres negras são fontes válidas e poderosas de conhecimento. Ela revela que a escrita não precisa ser distante ou objetiva para ser relevante; pelo contrário, ela pode ser profundamente pessoal e política ao mesmo tempo. Ao fazer isso, a escrevivência amplia o conceito de literatura e de teoria, incluindo vozes que foram historicamente excluídas.

Em *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus narra sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, com uma honestidade e uma força que desafiam as expectativas literárias convencionais e acadêmicas. Sua escrita, marcada pela oralidade e pela urgência, é um exemplo claro de escrevivência, pois emerge diretamente de suas vivências:

24 DE JULHO Levantei cinco horas para ir buscar água. Hoje é domingo, as favelas recolhem água mais tarde. Mas, eu já habituei-me levantar cedo. Comprei pão e sabão. Puis feijão no fogo e fui lavar roupas. No rio chegou Adair Mathias, lamentando que sua mãe tinha saído, e ela tinha que fazer almoço e lavar roupas. Disse que sua mãe era forte, mas que agora lhe puzeram feitiço. Que o curador disse que era a feiticeira. Mas o feitiço que invade a família Mathias é o álcool. Esta é a minha opinião. A D. Mariana lamentava que seu esposo estava demorando a regressar. Puis as roupas para quilar e vim fazer o almoço. Quando cheguei em casa encontrei a D. Francisca brigando com meu filho João José. Uma mulher de quarenta anos discutindo com uma criança de seis anos. Puis o menino para dentro e fechei o portão. Ela continuou falando. Para fazer ela calar é preciso lhe dizer: —Cala a boca tuberculosa! Não gosto de aludir os males físicos porque ninguém tem culpa de adquirir moléstias contagiosas. Mas quando a gente percebe que não pode tolerar a impricância do analfabeto, apela para as enfermidades. O Seu João veio buscar as folhas de batatas. Eu disse-lhe: —Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão ,que estou no inferno — Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: —Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam.¹⁹

¹⁸ CRUSE, Harold. *The Crisis of the Negro Intellectual: A Historical Analysis of the Failure of Black Leadership*. New York: William Morrow & Company, 1967.

¹⁹ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015. p. 22-23. ISBN 978-8508171279.

No trecho destacado, é possível observar como essas opressões se entrelaçam no cotidiano da autora. O racismo se manifesta de forma brutal na fala da criança que a insulta impunemente, evidenciando como o preconceito é transmitido desde a infância e naturalizado pelas gerações. A desigualdade de classe aparece na luta diária pela sobrevivência, desde a busca por água até a necessidade de suportar conflitos e violências dentro da favela. Já a opressão de gênero transparece na sobrecarga de trabalho que recai sobre as mulheres, obrigadas a desempenhar múltiplas funções, e na forma como Carolina observa a fragilidade de outras mulheres diante das dificuldades sociais. Assim, suas palavras revelam um Brasil marginalizado, onde o racismo, a pobreza e o machismo se entrelaçam para definir quem pode viver com dignidade e quem está condenado ao "inferno" da exclusão. Toda a verdade que emerge das palavras de Carolina Maria de Jesus é a própria essência da vida, sua mais profunda realidade, sua concretude pulsante. Isso é *escrevivência*!

10 STUART HALL E A DESCONSTRUÇÃO DA NARRATIVA IMPERIALISTA

Stuart Hall enfatiza que as narrativas hegemônicas são construídas a partir de uma lógica de exclusão e hierarquização. Essas narrativas são frequentemente baseadas em uma visão eurocêntrica, patriarcal e colonial, que privilegia as experiências e perspectivas dos grupos dominantes enquanto marginaliza ou apaga as vozes dos grupos subalternos.²⁰

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.²¹

Na pós-modernidade, a identidade passou a ser compreendida de maneira fluida, descentralizada e fragmentada, como aponta Hall. O que antes era visto como uma identidade estável, associada a normas sociais rígidas, tornou-se um processo dinâmico, sujeito a constantes transformações e disputas. Esse declínio das "velhas identidades" traz à tona a multiplicidade de narrativas que estavam anteriormente marginalizadas, sobretudo no caso das mulheres negras e das populações periféricas, cujas vozes foram sistematicamente silenciadas e invalidadas por uma sociedade marcada por desigualdades de classe, gênero e raça. No contexto brasileiro, isso se reflete na maneira como a história e a literatura têm sido tradicionalmente contadas: a partir da perspectiva

²⁰ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. 64 p. ISBN 978-8583160076.

²¹ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 07

das elites brancas, enquanto as experiências de negros, indígenas, mulheres e pobres são ignoradas ou distorcidas. Hall também discute como a globalização e a pós-modernidade exacerbam essas dinâmicas de poder, ao mesmo tempo em que abrem espaços para resistências e contra-narrativas. Ele argumenta que, em um mundo cada vez mais interconectado, as identidades são constantemente desafiadas e reconfiguradas, criando oportunidades para que grupos marginalizados reivindiquem suas próprias histórias e narrativas.

11 A ESCRIVÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM *DIÁRIO DE BITITA*

Em *Diário de Bitita*, a "escrivência" surge no texto de Carolina como uma prática literária que emerge das experiências que desafiam as narrativas dominantes que frequentemente marginalizam ou invisibilizam as vivências de pessoas negras e periféricas. Essa escrita se configura como um ato de resistência, onde a autora reescreve sua história e identidade, contestando o *status quo* colonial e afirmando sua presença e subjetividade. Essa abordagem ressoa com a análise de Stuart Hall sobre a pós-modernidade, onde identidades oprimidas, ao serem desestabilizadas, encontram espaço para se reinventar e resistir às imposições coloniais, promovendo uma reconfiguração das narrativas identitárias. Carolina não apenas relata suas memórias, mas também constrói uma narrativa que resiste à marginalização imposta pelo sistema. Ela descreve, por exemplo, o racismo cotidiano que enfrentava, a pobreza extrema de sua família e a falta de oportunidades educacionais:

Eu achava o mundo feio e triste, quando estava com fome. Depois que almoçava achava o mundo belo. Perguntei a minha mãe: — O mundo é tão bom! Ele é sempre assim? Não respondeu-me. Dirigiu-me um olhar tão triste, um olhar que preocupou-me. Mas insisti. — Mamãe! Mamãe... fala-me do mundo. O que quer dizer mundo? Ela me deu dois tapas, saiu correndo e chorando (Jesus, 2014, p. 25).

O que Carolina de Jesus revela, através desse simples episódio de violência familiar, é a condição de opressão estrutural que marca a identidade negra na sociedade brasileira, uma identidade que é forjada no sofrimento, na ausência de oportunidades e na luta constante pela sobrevivência. A dor e a violência, tanto explícitas quanto implícitas, estão entrelaçadas nas relações familiares, formando um quadro de resistência, mas também de desgaste, no qual o afeto e a comunicação se tornam uma busca difícil e muitas vezes frustrada. Ao fazer isso, ela revela as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade social e racial no Brasil, mostrando como essas estruturas são internalizadas e naturalizadas.

12 A DESCONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS HEGEMÔNICAS

A obra de Carolina Maria de Jesus pode ser lida como uma desconstrução das narrativas hegemônicas que Stuart Hall discute. Enquanto as narrativas dominantes tendem a glorificar a história das elites e ignorar as contribuições das populações negras e pobres, Carolina coloca essas experiências no centro de sua escrita. Ela não apenas narra sua própria história, mas também dá voz a uma coletividade que foi sistematicamente silenciada. Por exemplo, ao descrever a vida na roça e os trabalhos braçais que sua família era obrigada a realizar, Carolina desafia a ideia de que o progresso e o desenvolvimento brasileiro foram alcançados sem o sofrimento e a exploração de milhões de pessoas negras e pobres:

Trabalhei três meses pára a dona Salima, ia ganhar quarenta mil-réis por mês. Quando vencia o mês eu tinha vergonha de cobrá-la. Quando completaram-se noventa dias, decidi cobrá-la. Ela deu-me apenas dez mil-réis. Eu disse: — Só? Respondeu-me: — Se não está contente, pode deixar a minha casa. Chorei pensando na quantidade de roupas que eu lavava e passava. Cuidar do quintal, olhar a casa quando ela estava ausente. Não roubava. Cuidava de tudo como se fosse meu. Decidi procurar outro emprego. Ou deixar o interior. Pretendia encontrar um trabalho com melhor remuneração. Eu tinha que aprender a reagir, a exigir respeito nos contratos de trabalho. Mas não tinha casa e já estava cansando da minha vida andarilha. (Jesus, 2014, p.181)

Podemos ver na escrita de Carolina, o sofrimento da classe trabalhadora expresso de forma pungente! Revelando a exploração sofrida por trabalhadores, especialmente os negros e pobres, em um contexto de desigualdade e opressão social. Carolina, por meio de sua escrita, narra a indignação e a dor de um trabalho árduo e mal remunerado, caracterizado pela falta de respeito e reconhecimento. Sua escrita é uma forma de resistência que questiona a noção de que essas histórias são menos importantes ou dignas de serem contadas.

13 CONCLUSÃO

Stuart Hall argumenta que as identidades culturais são construídas através de um processo de negociação e conflito, no qual diferentes grupos disputam o direito de definir quem são e como devem ser representados. A escrevivência, em Carolina Maria de Jesus, exemplifica esse processo, pois ela não apenas narra sua própria identidade, mas também a constrói em oposição às narrativas hegemônicas que tentam defini-la. Carolina se apresenta como uma mulher negra, pobre e periférica, mas também como alguém que possui uma agência e uma voz própria. Ela não se conforma com os estereótipos que a sociedade tenta impor a ela; em vez disso, ela os desafia através de sua escrita. Ao fazer isso, ela redefine o que significa ser uma mulher negra no Brasil, mostrando que sua identidade é complexa, multifacetada e digna de respeito!

Nosso texto realizou uma análise cartográfica fundamentada em revisão bibliográfica crítica das obras *Quarto de Despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (1986) de Carolina Maria de Jesus, objetivando demonstrar como sua escrita constitui uma cartografia da experiência negra e periférica no capitalismo brasileiro, desvelando suas contradições e a violência estrutural do imperialismo. A problemática central residuiu em desconstruir as narrativas hegemônicas do "progresso" nacional, que ocultam a persistência do legado colonial e a necropolítica inerente ao capitalismo periférico, interrogando como a escrevivência – conceito cunhado por Conceição Evaristo – opera como ferramenta epistêmica de resistência e reexistência. O marco teórico articula a teoria da identidade pós-moderna fluida e em construção de Stuart Hall com a noção de escrevivência evaristiana, compreendendo-a como prática literária-política que transfigura vivências marginais em denúncia e contra-narrativa. A análise interseccional evidencia como raça, classe e gênero se entrelaçam nas obras de Carolina, configurando sua escrita como um ato de descolonização do saber. Os resultados alcançados confirmam que a escrevivência caroliniana efetua, primeiramente, um deslocamento do cânone literário ao erigir a favela como locus de produção de conhecimento legítimo, rompendo hierarquias epistêmicas que silenciam vozes negras e periféricas.

Em segundo plano, explicita a violência constitutiva do capitalismo dependente, expondo como a acumulação de riqueza das elites se funda na despossessão sistemática de corpos racializados e na naturalização da miséria, materializada na metáfora do "quarto de despejo". Ademais, constrói contra-narrativas identitárias complexas que resistem à fixação estereotípica, revelando a periferia como espaço de humanidade plena, agência crítica e resistência criativa, antecipando, por fim, teorias decoloniais contemporâneas ao articular crítica sistêmica e vivência local.

Como síntese conclusiva, o estudo atesta que Carolina Maria de Jesus transcendeu a condição de "voz da favela" para consolidar-se como teórica da marginalidade, cuja cartografia existencial desnuda as entranhas do projeto nacional brasileiro. Sua obra permanece um arquivo vivo da luta contra a necropolítica do capitalismo periférico, reafirmando a escrevivência como ato primordial de sobrevivência epistêmica e farol indispensável para projetos emancipatórios.

REFERÊNCIAS

COWLING, Camillia. *Concebendo a Liberdade. Mulher de Cor, Gênero e a Abolição da Escravidão nas Cidades de Havana e Rio de Janeiro*. Tradução de Patrícia Ramos Geremias e Clemente Penna. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI Editora, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. 64 p. ISBN 978-8583160076.

DUARTE, Constância Lima (Comp.); CÔRTES, Cristiane (Comp.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. 376 p. ISBN 978-8592736958.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para discussão: mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor*. Tradução de Carla Akotirene. Salvador: Ed. do Autor, 2018.